

Mergulhada em profunda crise, a cultura do coqueiro tende a continuar sofrendo redução da área ocupada e do volume produzido. Com o loteamento das fazendas onde é cultivado, o coco vai, aos poucos, transformando-se em cultura de granja para, em futuro próximo, sofrer nova retração, com a urbanização (iminente) dessas áreas.

Dentre os problemas da atividade, no Litoral Norte, sobressaem: a) o caráter rudimentar das técnicas utilizadas no cultivo do coco e no beneficiamento de seu primeiro subproduto (a casca); b) a baixa fertilidade do solo das áreas onde predomina a cultura; c) a falta de água para irrigação dos coqueirais; d) a falta de apoio técnico e crédito à atividade; e) a incidência de pragas e doenças sem a adoção de medidas capazes de impedir a propagação das mesmas e de promover a recuperação dos coqueirais atingidos; f) o baixo preço do produto, agravado pela forte presença do atravessador na comercialização; g) a concorrência do produto importado, provocando retração da demanda do coco seco pela indústria; h) a inexistência de associação de produtores, a nível municipal e estadual.

3.2.5 GRANJAS, FAZENDAS E CHÁCARAS

Segundo padrão de uso e ocupação do solo, em extensão, do Litoral Norte, as granjas, fazendas e chácaras ocupam 9,3% da área e têm maior expressão nos municípios de Igarassu (22,5%) e Itamaracá (19,5%), seguidos de Paulista, Itapissuma e Abreu e Lima com, respectivamente, 9,3%, 8,4% e 7,4% da superfície municipal ocupada por esse padrão de uso do solo (tabela 16 e fotos 30 e 31). No que se refere à distribuição da área total de granjas, fazendas e chácaras pelos municípios do setor litorâneo em causa, cabe ressaltar a posição de Igarassu que detém 52,9% da mencionada área, seguido, de longe, pelos demais municípios (tabela 17).

No que tange à distribuição espacial, as granjas, fazendas e chácaras concentram-se nas porções oriental e centro-sul da área, circundando núcleos urbanos ou acompanhando eixos viários principais tais como a PE-018, PE-014, PE-049 e trechos da BR-101 Norte (mapa 02). Situam-se tanto em áreas de alta declividade como em topos planos e áreas de baixa declividade, ocupando terrenos de natureza calcária (Formação Gramame), arenítica (Formação Beberibe) e argilo-arenosa (Formação Barreiras).

As unidades integrantes do padrão de uso e ocupação do solo em apreço resultam, em sua maior parte, do parcelamento de fazendas e sítios produtores de coco ou de engenhos e medem 1 a 12 hectares (no caso das granjas), 0,1 a 1 hectare (nas chácaras) e 100 a 700 hectares (no caso das fazendas de gado). Pertencem, na maior parte, a empresários e profissionais liberais residentes em Recife.

As granjas e chácaras têm como função principal o *lazer de segunda residência* e, como atividade comum, o cultivo de fruteiras. Nas granjas, a atividade agrícola envolve o cultivo de coqueiro anão, laranja, mamão, banana, limão, abacate, acerola, caju, jaca, mangaba, sapoti, graviola, cana, macaxeira, milho verde, inhame, capim e, em menor escala, a produção de mudas de coco e outras fruteiras bem como de plantas ornamentais. Algumas praticam apicultura e piscicultura ou criam umas poucas cabeças de bovino.



FOTO 30 – Granjas em Igarassu, à retaguarda do Canal de Santa Cruz, próximo à divisa Igarassu/Itapissuma.



FOTO 31 – Granjas à margem direita do rio Jaguaribe (Itamaracá). No primeiro plano, Reserva Ecológica do Jaguaribe e, ao fundo, ocupação urbana da Praia do Pilar.

Até 1990, a avicultura era a atividade predominante no setor, sobretudo em Igarassu. Hoje, apenas algumas dessas unidades produzem frango de corte e ovos, em integração com empresas do setor avícola (abatedouros e fábricas de rações). Além dessas atividades, as granjas mais produtivas, a exemplo das localizadas no Tabuleiro de Monjope, têm projeto para diversificar a produção, com *ranicultura* (criação e beneficiamento), industrialização de água de coco, produção de derivados de mel, polpa de frutas e macaxeira pré-cozida.

A produção das granjas é vendida ao atravessador, na própria granja ou na CEASA, quando o produtor dispõe de transporte para deslocar o produto até Recife. Alguns produtores de coco vendem o produto aos barraqueiros da orla marítima de Boa Viagem. O associativismo, no setor, encontra-se ainda em fase de consolidação, sobretudo onde os proprietários desenvolvem atividades produtivas e inexistente ou funciona precariamente, onde predomina o lazer de segunda residência.

As fazendas existentes na área são em pequeno número - duas em Abreu e Lima e duas em Itapissuma - e de pequeno porte. Praticam pecuária bovina de corte (*gado nelore* e *guzerat*), criação de cavalo de raça e, em menor escala, criação de algumas cabeças de búfalo, atividades que, em geral, associam com cultivo de coqueiro. Fazem criatório semi-intensivo, utilizando pastagem artificial, na maior parte, cultivada sem irrigação.

Como principais tendências do padrão de uso do solo em apreço, figuram: a) permanência da queda da avicultura; b) o aumento da produção de milho verde e coco verde, da horticultura (nas propriedades maiores e com disponibilidade de água), da apicultura e da criação de peixes ornamentais; c) o loteamento das granjas localizadas, sobretudo em torno dos núcleos urbanos mais dinâmicos (Abreu e Lima, Igarassu e Itamaracá); d) expansão da área de granjas e chácaras, pelo parcelamento de fazendas de coco e de áreas ainda ocupadas com mata e cobertura vegetal em recomposição.

Dentre os problemas do segmento em análise, sobressaem: a) falta de água para irrigação; b) dificuldade de escoamento da produção, em consequência da falta de pavimentação e de conservação das rodovias de acesso à maior parte das áreas; c) falta de incentivo à capitalização das atividades desenvolvidas, de sorte a possibilitar a utilização do potencial produtivo do setor; d) organização incipiente dos produtores, retardando conquistas importantes para o setor tais como melhoria da infra-estrutura e dos serviços básicos, apoio técnico, financiamento e acesso direto do produtor ao mercado, entre outras; e) falta de equipamentos e serviços básicos (escola de 1º grau maior, posto médico, posto telefônico, serviço de segurança e coleta de lixo) para atender às comunidades situadas no interior ou na periferia das áreas mais afastadas dos centros de prestação desses serviços.

3.2.6 Aqüicultura

Praticada em alguns estuários do Litoral Norte, a aqüicultura é uma atividade em expansão, na área, envolvendo tanto o cultivo artesanal de peixe, camarão e ostra como a produção, em larga escala e com tecnologia avançada, de camarão marinho. Atualmente, as duas modalidades ocupam uma área total de 1 360,67 hectares distribuídos nos municípios de Goiana (70,0%), Itapissuma (23,2%) e Itamaracá (6,8%) (tabela 17 e mapa 02).

No primeiro caso (aquicultura artesanal), incluem-se os pequenos viveiros localizados no estuário do rio Jaguaribe (foto 32), totalizando 77,61 ha, no rio Arataca e no Canal de Santa Cruz, sendo 15,18 ha no município de Itamaracá e 19,04 ha no município de Itapissuma, perfazendo, juntos, 111,83 ha ou o correspondente a 8,2% da área ocupada com aqüicultura no Litoral Norte. A estes acrescem-se os cultivos de *ostra-de-mangue* recém-implantados no estuário dos rios Arataca e Itapessoca.

No segundo caso (produção, em larga escala, de camarão marinho), situam-se os projetos de *carcinicultura* implantados ou em implantação nos estuários dos rios Goiana e Megaó (Atlantis Aqüicultura) e Botafogo (Atapuz Aqüicultura, no município de Goiana e Maricultura Netuno, no município de Itapissuma) bem como na Fazenda Tabatinga, à retaguarda da praia homônima, em Ponta de Pedras (mapa 02), totalizando 1 248,84 hectares ou 91,8% da área total da atividade no Litoral Norte.